VANESSA MIRANDA

Baseado em fatos *quase* reais

Prefácio

Este portfólio foi produzido como trabalho final da disciplina de Escrita Criativa do curso de cinema da UFSC, no segundo semestre de 2016. Estão contidos nele 10 textos, 9 contos e um roteiro, escritos ao longo da disciplina com temas sugeridos em sala.

Escrever estes textos não foi tarefa fácil. Nem todos vieram das minhas melhores ideias. Alguns são resultados de madrugadas altamente cafeinadas ou longas horas na biblioteca universitária. Outros vieram até mim sem tanto esforço, pediram para serem contados. Muitos me forçaram para fora da minha zona de conforto. São todos meus, para o bem ou para o mau, e acredito que seja este um dos propósitos da arte, se tornar responsável por tudo aquilo que lhe pertence.

E que agora também pertence a você, leitor.

MONOFOBIA

De porta fechada, luz apagada e sem a presença de um Familiar de Confiança Autorizado, o banheiro aparentemente comum da casa de Luiza já não era apenas um banheiro. Era uma zona de perigo, um cenário cuidadosamente elaborado para acontecimentos sobrenaturais dos mais diversos, todos de natureza indubitavelmente danosas a seres humanos comuns e indefesos como os membros de sua família. Por uma infelicidade, acaso ou talvez sorte, ela ainda não havia decidido, Luiza era a única residente do sobrado em questão capaz de enxergar este fato. O pai insistia todos os dias que o cômodo não representava perigo algum, além, é claro, das ocasionais goteiras em dias de chuva forte que se devia evitar a todo custo. Luiza até tentava argumentar, mas logo compreendeu que devia haver algum tipo de Mágica Especial de Dissimulação que fazia com a face horripilante do banheiro só se revelasse quando ela estava sozinha. Isto era demasiadamente preocupante, pensava.

Durante um tempo, para prevenir qualquer ocorrência que colocasse sua existência em risco, a menina resolveu contratar um guarda-costas. Precisava de alguém que a acompanhasse ao território amaldiçoado, afinal havia coisas que não poderiam ser adiadas para sempre e muito menos resolvidas em outros cômodos da casa. Como não tinha dinheiro, fez como todos os adultos que conhecia e decidiu vender sua força de trabalho para suprir suas necessidades. Assim, conseguiu a proteção da irmã mais nova em troca de lavar a louça da janta todos os dias da semana. E olha que lavar a louça era a tarefa que Luiza mais detestava na vida, mas dadas as circunstâncias, sacrifícios tinham de ser feitos.

A solução não durou muito. Pouco tempo depois a irmã abandonou suas obrigações de acompanhante após uma briga. As duas tinham divergências ideológicas acerca dos princípios éticos em Mario Kart que não puderam ser resolvidas amigavelmente e Luiza estava sozinha de novo. Não gostava de pedir ajuda, afinal já tinha dez anos. Mesmo assim implorou ao pai que tomasse o lugar da irmã como seu segurança, mas ele se recusou, alegando que Luiza precisava enfrentar seu medo. Em um primeiro momento a sugestão lhe pareceu absurda. Não se pode simplesmente enfrentar Forças Sobrenaturais Desconhecidas E Sombrias, o pai deveria saber disso. Mas depois de muitas discussões familiares e uma oração de descarrego performada por um pastor da região, não havia outra alternativa.

E foi este o caminho que a levou a entrar no banheiro sozinha, à noite, sem acender a luz, e permanecer imóvel enquanto o pai fechava a porta pelo lado de fora. O som metálico da tranca anunciava o silêncio que viria a seguir. O banheiro do sobrado era pequeno, mas parecia infinito sob a luz amarelada da rua que entrava pelo vitrô. Luz esta que não ajudava em nada, muito pelo contrário; certamente fazia parte da atmosfera maligna projetando sombras deformadas de aparência desagradável na parede atrás do vaso sanitário.

As sombras pareciam encurralá-la e o medo começava a tomar conta de seu corpo. Ouviu o som de um carro passando na rua, completamente alheio a tamanho horror, o que apenas fez com que os sentimentos de solidão e desamparo crescessem na menina. Pensava que seguir com a ideia do pai havia sido uma péssima decisão, mas agora não havia mais como voltar atrás. Seu coração batucava um samba desafinado, sua respiração ofegante, e a consciência gritava consigo mesma; *É o fim, estamos perdidas!* A Coisa Ruim aconteceria a qualquer momento agora, não tinha como evitar.

Os minutos foram passando e Luiza sentia vontade de chorar. Mas não podia, pois já tinha dez anos. Só crianças choravam e ela não era mais uma criança e sim uma mocinha, segundo as tias lhe diziam. E qual era o protocolo indicado para mocinhas em uma situação como esta? Luiza não tinha a menor ideia, já que nunca tinha sido uma mocinha. Já fora goleira, detetive, Menina Superpoderosa, Power Ranger Amarela, e muitas outras coisas, mas nunca mocinha. Não era justo da parte das pessoas esperarem que ela fosse algo que ela não sabia como ser.

De repente, então, a porta se abriu outra vez. Do outro lado, o pai a olhava de braços cruzados .

"Tá vendo, menina? Não tem nada aí, pára com essa bobeira," ele disse.

Luiza o encarou, pressionando os lábios juntos e saiu do banheiro sem dizer nada. Não que o pai estivesse certo; Agora havia comprovado empiricamente que o banheiro não era, de forma alguma, um simples banheiro de sobrado. Mas talvez não houvesse o que temer. Era provável que as Forças Malignas de Outro Mundo estivessem ocupadas demais lidando com seus próprios medos. Era a única explicação plausível.

DO LADO DE DENTRO

Pela janela do decimo sexto andar, dá para ver de longe, bem de longe, o topo do muro. Raquel não se lembra de quando começou a olhar pela janela daquele jeito, com os olhos sorrateiros que sempre fugiam em direção à barreira de concreto. Só sabe que em algum momento percebeu a existência daquele muro de forma tão devastadora que já não conseguia tirá-lo da cabeça. Deixou de ver os outros prédios na paisagem, as árvores do parque do bairro, as babás vestidas de branco conversando enquanto as crianças brincavam no parquinho. Dali da janela da sala do apartamento 162, nada mais parece existir, apenas Raquel e o muro.

Do lado de dentro, a voz da apresentadora de programa matinal se mistura com a da mãe que fala com uma amiga ao telefone. A mãe não pensa muito sobre o muro. Ou se pensa, nunca disse.

"Eu tô pensando em almoçar no restaurante mesmo," ela diz ao telefone enquanto abre uma garrafa d'água. "Pois é, a Fátima não veio hoje."

A Fátima nunca faltava no serviço. Raquel tinha dez anos quando a contrataram e desde então ela está sempre lá, faça chuva ou faça sol. Até que um dia a Fátima recebeu um telefonema da polícia dizendo que o filho dela tinha sido detido por tráfico de drogas. Imagina, filho meu metido com droga!, a Fátima dizia colocando a mão no rosto como se quisesse se esconder.

Naquele dia, Raquel sentou-se ao lado dela na mesa da cozinha sem saber muito bem o que fazer. Ela se lembrava de ter visto o filho da Fátima

uma vez, quando tinha quatorze anos. Ele tinha sido suspenso da escola e a Fátima não conhecia ninguém que àquela hora do dia pudesse ficar com ele. Não lembrava muito bem como ele era, só que parecia não querer conversa. Ele não parecia ser má pessoa, ela disse à mãe naquela noite no jantar. A mãe dizia que Raquel é que não conseguia enxergar essas coisas, era muito Pollyana. Dezenove anos, não sabia nada da vida ainda.

O filho da Fátima foi condenado.

Hoje a Fátima não veio porque foi se despedir dele. Aparentemente, eles deixam a pessoa se despedir da família antes de fechar as grades. Depois disso, só Deus sabe o que acontece na prisão. O muro é de concreto, para que eles não possam ver o lado de dentro, mas ninguém também consegue ver lá fora.

Em dezenove anos de vida, Raquel nunca havia pensado nisso e talvez seja muito Pollyana mesmo, o que quer que isso signifique de fato. Tudo o que tinha aprendido é que a punição para quem comete qualquer crime é viver lá fora, sem casa, sem comida, sem proteção. O que dizem é que lá é cada um por si; olho por olho, dente por dente. Afinal, existem certos tipos de pessoa que não sabem seguir as regras e a elas não cabe viver em sociedade. Por isso são mandadas para a maior prisão possível: o isolamento.

O filho da Fátima agora é uma dessas pessoas.

Raquel tenta se lembrar do rosto dele, sentado à mesa da cozinha naquela tarde há cinco anos. Eles devem ter a mesma idade, ou quase. Ele vestia um moletom preto. Ou azul. Ou talvez marrom. Raquel tinha ido na cozinha pegar alguma coisa na geladeira. Ele tinha dito alguma coisa? Ela

tenta se lembrar, mas não consegue. O muro que os separa toma toda a sua visão.

No dia seguinte, a Fátima vem trabalhar. Ainda meio abatida, não fala nada sobre o assunto, o que não é surpresa. Elas nunca foram de conversar. Enquanto senta à mesa para tomar café, Raquel pensa em perguntar como foi, mas desiste. A indagação seria muito mais no intuito de satisfazer sua curiosidade egoísta do que de oferecer qualquer consolo. Quando olha para a Fátima, ela está olhando de longe para a janela.

Raquel se perguntava se ela também estava percebendo o muro pela primeira vez.

NOTAS SOBRE UMA UTOPIA APOCALÍPTICA

Foi no natal de 1998 que eu comecei a perder o juízo de vez. Ou pelo menos é isso que eu diria caso me perguntassem. A verdade é que a loucura é um processo, um zumbido que vem rondando a gente e vai ficando cada vez mais alto até que se torne inevitável. Mas a maioria das pessoas precisa de uma resposta definitiva, um número, uma data. Quando? Onde? Quanto custa? É o que lhes permite continuar surdas.

Sendo assim, vamos aos fatos. No dia 24 de dezembro acordei antes do despertador para trabalhar. Véspera de natal não é feriado e às 8h da manhã em ponto estavam todos no escritório, apaticamente insatisfeitos. Era a primeira vez que os funcionários da Telesp tinham um dia inteiro de trabalho antes do peru da meia noite. Às 10h, reunião com representantes da Sintetel, que àquela altura era mera questão formalidade. Não era nem horário de almoço ainda quando os dois homens apertaram a minha mão complacentes. Banco de horas, horário indefinido, fim do bônus por tempo de serviço. "*Obrigado, Doutora*," eles disseram. E nem doutorado eu tinha.

Às 18h, nos reunimos todos em torno da cafeteira naquele humor enfadonho de festinha de escritório. Amigo Secreto do setor jurídico da Telesp, muito incentivado pela nova diretoria para promover integração dos membros do departamento. Contanto que não fosse em horário de expediente, é claro. Ganhei o CD novo da Madonna, a quem eu não ouvia desde *Like a Prayer*, para ser honesta. Mesmo assim, sorri agradecida enquanto a Beth balançava os cabelos estilo Rachel de forma espalhafatosa e dizia que achava Madonna a minha cara, feminista feminina.

E é então que finalmente chegamos à festa de natal da família na casa da tia Dulce. Cheguei 35 minutos atrasada. Tive que parar no caminho para trocar o presente de uma sobrinha adolescente que aparentemente já havia deixado Sandy & Júnior de lado pelos Backstreet Boys. Minha mãe me recebeu com um abraço animado. Filha de ouro, formada em direito, emprego bom e a primeira da família a ter um celular. Pena que trabalhava demais e namorava de menos, porque bonita assim devia fazer a cabeça dos rapazes.

O tempo passava devagar demais nas festas de família e eu já não sabia que horas eram. Na cozinha, minha mãe, tia Dulce e tio Mauro falavam da tia Carmem. "*Ela não vem porque vai passar com Maicon*", dizia a minha mãe. Eu não ouvia falar do meu primo Maicon desde o ano passado, quando descobriram que ele fazia show na noite como Samira. Tio Mauro dizia que era uma pena, um menino tão bem criado, metido com esse tipo de gente. "*Deus o livre de pegar uma doença dessas de homossexual*."

Na sala, os assuntos eram política e novela. "O *Fernando Henrique salvou a economia desse país, se não fosse por ele a gente ainda tava naquela inflação*", meu primo Carlos falava alto, em tom de imposição, enquanto a esposa dele dava mamadeira para o bebê. Foi sustentado pela mãe até há poucos anos, mas argumentava a respeito da economia do país com a mesma propriedade com que minha vó comentava o corte de cabelo da Cláudia Raia e a reta final de Torre de Babel.

A ceia começou junto com os especiais natalinos nos quais ninguem mais prestava atenção. A tia Dulce me mandando comer mais, o Carlos gargalhando com a boca suja de maionese, o tio Walter falando para a Bia que aos 14 anos ela já era uma moça linda. *São tantas emoções*, a TV dizia. Mas eu já não sentia nenhuma.

Lá pelas tantas, fui ao banheiro. Era o primeiro momento mais silencioso que eu tinha desde que acordei naquele dia. Sentei no vaso sei lá por quanto tempo. Se eu pudesse viveria ali para sempre, naquele banheiro apertado e sem graça de classe média. Ali não tinha tio, nem tia, nem Beth, nem Telesp. Era o melhor lugar da Terra.

E foi então que aconteceu.

Eu pisquei por um segundo e já não via mais o banheiro, só uma luz branca, forte e onipresente. A cena era digna de um episódio de Arquivo X, versão brasileira Herbert Richards. Meu coração acelerou e eu devia estar de boca aberta quando uma silhueta de meio metro apareceu à minha frente. *Tudo acaba no milênio;* ele/ela dizia, mas não falava, e de qualquer maneira eu ouvia mesmo assim.

O luz se foi tão repentinamente quanto veio e eu fiquei lá, literalmente com as calças na mão, enquanto ouvia os gritos de feliz Natal vindos da sala.

A partir de então, os meus dias mudaram radicalmente. Eu não precisava mais me preocupar, não havia o que fazer a não ser esperar que quer que fosse destruir tudo.

Eu acordava todos os dias e me sentava na minha mesa no escritório da Telesp imaginando o glorioso dia em que aquele prédio viria abaixo. Nada era mais motivador do que a visão daqueles computadores amarelados ardendo em chamas. A ideia do fim do mundo era incrivelmente confortante e rapidamente foi tomando conta mim. Eu não sentia medo nem desespero. Muito pelo contrário, era um alívio saber que tudo estava para acabar. A Telesp comprada, o sindicado vendido. A TV, a Madonna, o Carlos. O filho da puta do Fernando Henrique. Tudo acabado.

Hoje é dia 10 de janeiro de 2000.

Tudo continua aí. Fernando Henrique presidente, novela nova da Globo, meu emprego na Telesp – que agora é Telefônica. O mundo não acabou, então a vida segue. Bom, não para mim; é por isso estou deixando esta carta. O que eu descobri é que minha esperança no fim do mundo era mesmo loucura. O mundo já acabou há muito tempo.

NADA MAIS TEMAS

Faz dois anos, seis meses e treze dias que eu não consegui te esquecer.

Voltei a estudar, parei de fumar, continuei pensando em você. Não é como uma daquelas cenas com flashback que víamos na TV, não mesmo. Aqueles momentos em que tudo pára e os olhos se perdem no vazio de uma parede cor de creme não existem na vida real. Nada nunca pára. Por isso, quando me lembro, não se trata de um momento, mas sim de uma constância. Minha memória é um ritmo compassado, um Philip Glass tocando ao fundo dos meus dias comuns, que de repente ganham um toque de melancolia cinematográfica. É alguma coisa que vejo por aí, pelas ruas, pelas aulas, pelas telas e digo a qualquer ouvinte desinteressado quase sem pensar "Caramba, eu tinha uma amiga que ia adorar isso!"

Eu tinha uma amiga.

Eu não te culpo, nunca te culpei. Até porque, sou dessas pessoas reprimidas e sem amor próprio que só conseguem culpar a si mesmas. Complexo de culpa é puro narcisismo, você diria, e talvez tivesse razão. Você, na sua filosofia amarga, continua fazendo mais sentido para mim do que eu mesma.

Você foi, em todos os sentidos, tudo o que alguém pode ser.

Você morava no apartamento da frente. Eu quase não saia de casa. Você chegava bêbada no sábado. Eu te ajudava a abrir a porta. Você me chamava para um café. Eu te falava sobre um livro qualquer. Você chorava lendo Virginia Woolf. Eu não conseguia chorar. Você não conseguia sorrir. Eu não conseguia dormir. Você não conseguia acordar. Eu tinha medo.

Você não tinha mais nada. E de alguma maneira a sua tristeza parecia um pouco com a minha e era assim que nos entendíamos.

Você me beijou em uma praia.

Era um domingo, um desses dias quentes depois de uma chuva de verão. Senti os seus dedos no meu rosto e você veio se aproximando, os olhos tão castanhos, tão perto, que me tiravam o ar. Eu não sabia o que fazer, eu nunca sabia o que fazer, eu sempre fazia tudo errado. Então fechei os olhos. Os seus lábios tinham gosto de sal. Depois disso, ficamos lá sentadas, assistindo o mar. "Como deve ser bom ser o mar", você dizia.

Sempre os anos, sempre o amor, sempre as horas.

Passávamos muito tempo vendo o tempo passar. Sempre o tempo. Estávamos esperando em silêncio um momento que parecia nunca chegar. Eu ia até a janela fumar um cigarro enquanto você escrevia na sua caderneta de folhas sem linhas. Não sabia o que fazer, não sabia o que você queria. E eu que às vezes queria tanta coisa que não sabia o que querer e acabava não querendo nada. Inclusive você.

O que significa se arrepender quando não há escolha?

Não sei o que nós éramos e nem posso te perguntar - por isso sempre digo uma amiga, é o que soa mais verdadeiro. Só sei que naquela noite, a última noite, deitei do seu lado na cama de solteiro e te abracei. Eu não era de abraçar as pessoas, mas eu não gostava das pessoas como eu gostava de você. E então você me beijou – eu ainda não sabia o que fazer – e me disse "Sabe, às vezes ou a gente muda ou a gente morre."

E eu mudei.

E você.

Você agora é mar.

BREVE HISTÓRIA DO COWBOY ASSALTANTE DE BANCOS QUE TINHA NARCOLEPSIA

Quando acordou, o xerife já estava lá.

BASEADO EM FATOS QUASE REAIS

Helen caminhava a passos hesitantes pelas ruas escuras de Londres. Pensava se realmente poderia fazer aquilo. Talvez fosse melhor voltar para casa, Edward logo chegaria e daria por sua falta. Devia ter lhe contado sobre sua busca, ele certamente a alertaria da insanidade de seus planos e a faria mudar de ideia. Mas havia um fogo queimando dentro de si que já não conseguia controlar e apesar dos protestos da racionalidade, seu corpo parecia mover-se por si só em direção a um caminho sem volta. Não podia parar agora.

O pequeno pedaço de papel estava a ponto de se dissolver com a força empregada por seus dedos frágeis e finos a apertá-lo contra a palma da mão. O endereço gravado a caneta de tinta preta já deveria estar se apagando, consumido pelo suor de seu nervosismo. Helen olhou em volta. Estava perto. A esta altura já deveria ter planejado o que dizer ao chegar, mas nada lhe vinha a mente. A cada passo que dava seu coração acelerava junto a certeza de que não sabia o que estava fazendo, não tinha o que era preciso para executar ação de tamanha gravidade. Deveria simplesmente matá-lo assim que abrisse a porta? Ele não a conhecia, então certamente ela se apresentaria de inicio. Depois o acusaria de seus crimes, afinal ele precisa saber a causa de sua morte eminente. Ainda não estava decidida se era necessário questioná-lo sobre seus motivos. Não havia justificativa que pudesse atenuar a natureza de seus atos.

Mas Helen não teve tempo de elaborar seu discurso de vingança. Quando deu por si havia alcançado seu destino. Parou à

frente do prédio e respirou fundo. Contemplou sua ultima chance de desistir. Poderia simplesmente voltar para casa, jantar com Edward e esquecer que tudo isso acontecera? Mas então lembrou-se de Juliet, a falta que sentia dela alimentando aquele fogo que continuava a queimar em seu peito. Não podia ignorar o sentimento de devastação que a acompanharia pelo resto da vida. Precisava fazer alguma coisa para amenizá-lo. Soltou o papel com o endereço dentro da bolsa e sentiu discretamente o peso da arma em suas mãos. Foi o suficiente para dar os passos que faltavam e entrar no prédio. Quando chegou ao apartamento certo, a decisão estava tomada. Mataria o homem que violentara sua irmã.

O ponto se inseriu ao final do parágrafo praticamente sozinho. Observando os frutos de seu trabalho árduo na tela do computador, o escritor sorriu. Este seria seu melhor livro, tinha certeza. Depois de amargar um fracasso no mercado literário precisava de algo que convencesse o editor a lhe dar mais uma chance e estava sentindo que esta seria a história que mudaria tudo. Satisfeito, espreguiçou-se na cadeira da escrivaninha e resolveu tomar um café na padaria do bairro. Vinha escrevendo sem descanso desde o inicio do dia e precisava arejar as ideias.

Não ficou nem meia hora. O romance o chamava de tal maneira que não conseguia deixar de pensar nele. As palavras lhe vinham à mente e seus dedos eram impulsionados a materializa-las, torná-las oficialmente parte da história. Helen o chamava com urgência. Jamais sentira tamanha conexão com uma personagem sua.

Helen era uma mulher forte e sensível, cheia de sentimentos nobres mas em um conflito ético profundo. Concebeu-a em um lampejo de inspiração há alguns meses quando se mudara e pouco tempo depois ela parecia ganhar vida e guiá-lo em sua própria narrativa.

Na volta para casa, enquanto esperava o elevador, encontrou-se com ela, sua musa inspiradora. Helena era a namorada de seu vizinho do apartamento ao lado, Eduardo. Desde que pegara o elevador pela primeira vez com ela sentia uma estranha fascinação pela moça. Era sempre simpática, sempre sorrindo educada. Tinha cabelos escuros e olhos castanho-avermelhados, e um perfume suave amadeirado. Desde então sempre cruzava com ela entrando ou saindo do prédio e não pôde resistir a usá-la como inspiração para seu novo livro. Daí nascera Helen.

Durante a subida até o quinto andar, conversaram sobre assuntos triviais; o tempo, a vida. Ela lhe disse que Eduardo estava um pouco doente, ia ver como ele estava. Ele sorriu, admirando a qualidade protetora que ela tinha, tal como sua Helen. Saíram no quinto e se despediram amigavelmente antes de entrar cada um em seu apartamento. O encontro deixou o escritor ainda mais revigorado e ele não perdeu tempo ao sentar-se à frente do computador e depositar na página toda a sua empolgação.

Helen bateu à porta, três toques moderados. Já conhecera as feições do sujeito através da foto que o investigador particular lhe mostrara, por isso o reconheceu imediatamente quando a porta se

abriu. Vê-lo a sua frente, enfim, fazia seu estômago embrulhar-se. Ele a encarava com expectativa, os olhos verdes buscando algum traço de familiaridade na figura pálida de Helen. Ela se perguntava se ele conseguiria reconhecer nela alguma semelhança com Juliet, afinal sempre diziam que as duas tinham os mesmos olhos castanhos avermelhados herdados da mãe. Ela se perguntava se ele sequer se lembrava de Juliet.

"Pois não?" Ele perguntou em um misto de confusão e curiosidade.

Antes que pudesse desistir, Helen tirou a arma da bolsa e apontou na direção do peito imponente do rapaz. A expressão dele se desfez e os olhos verdes agora vacilavam. Receoso, ele ergueu as mãos e deu alguns passos para trás, o suficiente para que Helen pudesse entrar.

"Tudo bem, tudo bem" ele disse alarmado, ainda recuando, enquanto Helen encostava a porta atrás de si com um dos pés. "Pode levar o que quiser, só por favor não me machuque."

"Não quero levar nada" ela respondeu, seus dedos firmes em volta do revolver. "Não há nada que você possa me dar em troca do que tirou de mim."

"Olha, eu não sei do que você está falando. Mas por favor, não me machuque." Ele insistiu. "Eu tenho uma filha, por favor."

"E a sua filha sabe que você é um estuprador?" Helen cuspiu as palavras, a raiva que sentia aumentando conforme se aproximava do rapaz. "Ou você esqueceu o que fez a minha irmã há três anos?"

Repentinamente, o rosto do rapaz se transformou. Ele entendera o que se passava naquele instante, ela podia dizer. Abaixou as mãos e olhou para os próprios pés, sem coragem de encará-la de frente.

"Ela se matou, você sabia? Olhe para mim!"

"Eu sinto muito, eu juro. Eu era um garoto inconsequente, jamais deveria ter feito aquilo. Me sinto culpado todos os dias, queria poder voltar atrás e consertar tudo. Eu tenho uma filha agora, se alguém um dia fizesse isso com ela... Meu Deus..."

Helen abaixou a arma. Ele chorava desesperadamente e ela podia ver que realmente sentia remorso pelo que havia feito. Todo esse tempo ela vinha alimentando sua raiva, seu desejo de vingança, dizendo a si mesma que ele era um monstro que não merecia continuar vivo. Mas no fundo sabia que a verdade era muito mais complicada e agora, de frente para ele, era forçada a encarar o fato de que o homem era apenas isso. Um ser humano qualquer. Helen havia se enganado. Ele era apenas uma vida, que ela não poderia tirar.

Deixou o revolver deslizar para o chão enquanto sentia as lágrimas escorrerem por seu rosto. O rapaz a olhou -

O escritor foi interrompido por um barulho vindo do apartamento ao lado. Pensou em reclamar da música alta que chegava a invadir um pouco a fronteira de seu apartamento, mas desistiu da ideia já que os vizinhos ao menos tinham bom gosto. *Oh Darling,* dos Beatles. Muito apropriado.

Estava satisfeito com o rumo que a história havia tomado. Helen não mataria o rapaz no final das contas. Por mais que carregasse consigo a dor da perda da irmã, o que precisa de fato era de um encerramento e confrontá-lo e ver o remorso nos olhos dele havia sido o suficiente. Não valia a pena comprometer sua honra em nome de uma vingança que nada mudaria.

Inebriado de auto apreciação, o escritor voltou ao seu ofício.

No apartamento ao lado, Helena acende um cigarro e senta-se na cama de casal. Eduardo não gosta quando ela fuma. Mas Eduardo não gosta de nada, só sabe encher o saco. Ela também não gosta de Beatles, nem de Call of Duty, nem de Star Wars ou Star Track ou Star Qualquer Coisa. Tem tanta coisa que ela não gosta nele que é um milagre eles terem durado até aqui.

Helena dá um longo trago despreocupado no cigarro, que neste momento parece ainda mais prazeroso. Com um sorriso, ela se lembra de Eduardo falando do modo como ela senta, das roupas que ela veste, dos amigos dela. Não sei pra quê tanta maquiagem... não ajuda em nada, ele dizia. Mas ajudava. Principalmente quando era preciso fingir que aqueles dias nunca tinham acontecido. Aquele dia em que ele passou da conta no churrasco com os *brothers*. Aquele dia em que ele decidiu que ela estava falando perto demais com um amigo do trabalho. Aquele dia em que ele resolveu que ela estar cansada demais não era uma boa justificativa.

Helena se levanta da cama, apaga o cigarro e pega a bolsa. Antes de sair, dá uma última olhada no quarto. O corpo de Eduardo ainda amarrado na cadeira é mais sangue do que qualquer outra coisa. E a única coisa em que Helena consegue pensar é que graças a Deus não é ela quem vai ter que limpar essa bagunça.

O MENINO E O MONSTO

7 dias antes

Mãe chega do trabalho e menino logo corre até ela. A decoração está nas sacolas de plástico que ela carrega, tudo como ele pediu. Tem Super-Homem, Mulher Maravilha, Flash, Arqueiro Verde e, seu super-herói favorito, Batman. Menino vai tirando as placas de isopor e os bonecos da embalagem antes mesmo da mãe conseguir se sentar. A festa é só no domingo, mas ele já está pulando de empolgação. Mãe lhe diz para ter cuidado, se quebrar não vai ter festa, mas Menino não parece dar atenção e continua admirando seus super-heróis, segurando um a um com as duas mãos.

No canto escuro em que habita, o monstro espreita. Ele não vê, pois não tem olhos, mas é capaz de ouvir os batimentos cardíacos de Menino, acelerados, altos, cada vez mais perto do que na última ocasião. Sem que Menino perceba, o Monstro o rodeia à espera do momento certo.

6 dias antes

Menino observa enquanto Mãe encomenda o bolo. Quadrado, 2 quilos, de chocolate e com decoração do Batman, ela diz ao telefone enquanto olha para ele com um sorriso.

O Monstro observa Menino observando Mãe. Dessa vez ele decide chegar mais perto e vai seguindo o som do coração de Menino até ouvi-lo bem alto. O Monstro se agita com empolgação pela proximidade com Menino. Nunca esteve tão perto.

Menino sente algo perto de seu ouvido e se vira para olhar. Sua expressão alegre se perde.

5 dias antes

Menino acorda às 7h para ir a escola. Se levanta antes da Mãe chamar, escova os dentes e toma café. Brinca com Cachorro, o pequeno yorkshire terrier da família, enquanto espera pela van no quintal. Cachorro, repentinamente, começa a espernear e rosnar contra menino, que contrariado abre mão da brincadeira.

O Monstro mais uma vez está perto. Ele encara cachorro mesmo sem vê-lo, o cheiro do animal atiçando sua voracidade. Está prestes a tomar uma atitude, quando Menino se afasta. O Monstro então se acalma e decide seguir Menino até a sala da casa.

4 dias antes

Menino volta da escola para o almoço. A Mãe insiste que ele coma todos os brócolis do prato, diz que é essencial para o seu crescimento. Menino faz cara de nojo e expressa seu descontentamento à mãe, mas mesmo assim faz sua vontade, engolindo os vegetais o mais rápido possível e tapando o nariz.

O Monstro ouve a respiração rápida de Menino quando este solta o nariz. Inspira. Expira. Inspira. Expira. Inspira. Expira. O coração acelera.

3 dias antes

Menino acorda às 7h para ir a escola. Se levanta antes da mãe chamar, escova os dentes e toma café. Vai até o quintal para brinca com Cachorro, mas ele não está lá.

Cachorro não está em lugar nenhum.

2 dias antes

Menino volta da escola para o almoço. Desta vez a Mãe está no quarto e não na cozinha. Tropeçou na escada e torceu o tornozelo, que agora se encontra enfaixado e levantado sobre uma banqueta. O prato de Menino está feito, em cima da pia, com brócolis e tudo. Ele esquenta o prato no micro-ondas e come sozinho.

Quando sobe para o quarto, o prato está vazio na pia e os brócolis estão inteiros no lixo.

1 dia antes

Menino se senta na cama no escuro. Está agitado por conta da festa no dia seguinte e não consegue dormir. Ele se levanta e vai até a sala. A Mãe já está deitada. Sorrateiramente, tentando não fazer

barulho, vai até onde a decoração da festa está apoiada e começa a mexer nos bonecos de isopor, sentando-se no chão.

O Monstro senta-se à frente de menino e leva seu rosto bem próximo ao dele. Desta vez não só ouve como sente. Sua respiração, seu coração batendo.

De repente, menino se arrepia. Ele parece ver uma sombra na escuridão, de canto de olho, e se vira procurando-o. Menino não vê sombra alguma mas mesmo assim decide voltar ao quarto.

O dia

A festa está sendo um sucesso. Há crianças correndo por toda a casa, em meio à decoração de múltiplos super-heróis. Menino, em sua fantasia de Batman, é o centro das atenções. Lá pelas tantas, a Mãe acende as velinhas formando um número dez em cima do bolo. Ao final do parabéns, Menino tenta assoprar as velas, mas não consegue apagá-las, seu sopro não tem força suficiente. As crianças começam a tirar sarro de Menino, riem de sua luta contra o fogo, soltam cantos de escárnio, até que acabam apagando as velas por ele.

Menino sai depressa da festa e vai até o quarto, trancando a porta atrás de si. Sozinho, no quarto, sob a penumbra da luz da lua entando pela janela, Menino percebe a faca que cortaria o bolo em uma de suas mãos. O coração de Menino bate forte, ele mesmo pode ouvi-lo.

E pela primeira vez, diante do espelho do quarto, Menino e Monstro se encontram.

O DEMÔNIO DA MEIA-NOITE

O demônio da meia-noite mora em uma casa sem janelas, de corredores escuros e um silêncio ensurdecedor. As portas estão sempre fechadas, repletas daquilo que não se deseja encontrar. Os caminhos parecem ser infinitos, há sempre uma nova curva a ser feita, um novo cômodo a ser desvendado por aquele ou aquela que tiver coragem o suficiente. Não são todos que a adentram, a maioria apenas passa em frente, sem se demorar. O demônio da meia-noite escolhe suas visitas com parcimônia e uma vez que elas chegam nunca mais se vão.

Mariah não se lembra de como chegou, só de já estar lá. Não sabe onde é a entrada nem quando a cruzou, mas pensa que deve haver uma. Ela olha em volta e percebe a sala vazia, sem móveis, à luz de velas. Seus olhos procuram, em meio à penumbra, por uma porta, uma saída, uma luz. Mas não encontram. Não encontram nada além de paredes altas e duras e intransponíveis. Mariah se desespera. Continua procurando mesmo sabendo que nada vai encontrar, olhando ao redor até que a sala comece a girar e tudo se torne um borrão em movimento. Ela sente sua respiração

acelerando, falhando, as mãos invisíveis do demônio da meia-noite apertando contra seu pescoço.

Não sabe quanto tempo ficou ali, sentindo-se sufocar, mas em algum momento no tempo – ou fora dele – aparece uma criança. A menina tem cachos volumosos como os seus e a pele negra como a sua. Os olhos castanho-escuros espelham os seus, medindo-a.

"Olá," diz a criança em tom despretensioso.

Mariah a encara sem dizer nada. A sala só tem paredes, ela pensa. De onde a criança poderia ter saído - ou entrado. A criança tira do bolso algo que parece ser uma bala.

"Você quer?", pergunta, estendendo a bala na direção da moça.

Mariah balança a cabeça em negativa e a criança engole o doce.

"Você sabe onde fica a saída?" Mariah perguntou à criança, vendo nela uma esperança de ver a luz do dia.

"Saída de onde?" Pergunta a criança.

"Daqui."

"Daqui aonde?"

"Daqui onde nós estamos," a moça responde, já impaciente.

"Onde nós estamos?" A criança parece não se incomodar.

"De onde você veio?" Mariah mudar de tática.

Mas a criança apenas dá de ombros enquanto pega outra bala e coloca na boca, sem dar atenção ao inquérito da jovem.

"Eu tenho uma coisa pra você," diz a criança de repente. Leva uma das mãos ao bolso e depois a estende para Mariah.

A moça levanta o objeto recebido para vê-lo melhor; Uma corrente com um pequeno pote de vidro escuro na ponta. Mariah não consegue ver o que tem dentro e faz menção de abrir o minúsculo recipiente.

"Não,". A criança repreende instantaneamente. "Não pode abrir ainda."

"Pra quê isso?" Pergunta sem a menor delicadeza e a criança mais uma vez apenas dá de ombros.

Ela solta um suspiro exasperado e coloca a corrente no pescoço. Conversar com a criança é o mesmo que conversar com as paredes, parece não levá-la a nada. Aquelas paredes brancas, inquebráveis. Ela olha mais uma vez na direção de onde a criança veio e desta vez, há uma escadaria. Mariah se aproxima, incrédula. Os degraus se estendem para cima de maneira imponente.

A criança passa por ela e toma a frente, subindo os primeiros degraus com passo casual. Pega mais uma bala e se vira para Mariah.

"Você não vem?"

Mariah olha mais uma vez para a sala vazia, as paredes brancas, a luz de vela. Nada pode ser pior do que ficar presa ali, pensou, antes de começar sua caminhada escada acima.

A subida parecia interminável, mas quando finalmente chega ao topo, encontra um corredor escuro, que se estende até onde a vista alcança. Ela dá alguns passos hesitantes até encontrar uma porta bege de madeira. Ergue uma das mãos até a maçaneta de aço e a criança, que continua a acompanhá-la, tira mais uma bala do bolso.

Mariah abre a porta e, quando se dá conta, já está dentro do aposento, a porta fechada atrás de si e a criança em nenhum lugar à vista. O quarto é espaçoso e também vazio e iluminado apenas por velas. No entanto, as paredes brancas aqui são cobertas de relógios dos mais variados tipos. Painéis digitais, ponteiros clássicos, cucos espalhafatosos e até mesmo ampulhetas.

Por um instante – ou vários - nada acontece e Mariah percebe que cada um dos dispositivos marca um horário diferente, caminhando em seu

próprio passo. Subitamente, uma voz ecoa pelo quarto. *Você sabe que horas são?!* Pergunta, como uma bronca de um pai autoritário. Mariah olha em volta, procurando pela fonte do questionamento mas não a encontra. No quarto, apenas ela e os relógios.

Logo outra voz aparece. *Você ainda está aí?!* Mariah se agita, tentando reconhecer a origem da voz, mais uma vez sem sucesso.

"Eu estou tentando sair," ela responde ao interlocutor desconhecido. "Mas não consigo".

A voz não responde, mas uma terceira vem logo em seguida. *Só você ainda está aí, precisa alcançar os outros!*

O demônio da meia-noite é um monstro silencioso, mas ao mesmo tempo tem muitas vozes. *Você sabe que horas são?! Você ainda está aí?! Você precisa alcançar os outros!* Elas se repetem cada vez mais altas, cada vez mais rápidas e agressivas, até se misturarem umas as outras, e Mariah sente a respiração falhando, as mãos tremendo. *Você sabe que hor- ainda está - lcançar os outros...* Todos os relógios continuam correndo, rápido demais, devagar demais, para todos os lados. Mariah sente a garganta fechando, o peito apertando, as vozes gritando, clamando, o cuco cantando, o mundo girando...

A moça fecha então os olhos, sua cabeça latejando diante da cacofonia do cômodo. Inspira pelo nariz o mais profundamente possível e solta lentamente. Repete o processo por diversas vezes até que os sons se tornam distantes e por fim desaparecem. Quando abre os olhos novamente, está de volta ao corredor, de frente para a criança que se apoia na parede enquanto pega mais uma bala.

Mariah olha para trás. A porta desapareceu e foi substituída pela parede amarelada do corredor. A criança mais uma vez sai na frente e começa a caminhar, deixando-a sem escolha a não ser seguir atrás. O corredor se estende infinitamente e a jovem e a crianças caminham em direção à escuridão.

Depois de muitos passos, encontram mais uma porta. Desta vez, Mariah olha para a criança com uma expressão desconfiada.

"Por que você não entra comigo?"

"É sua vez," responde a criança, sem esboçar reação.

"Minha vez de quê?"

A criança apenas deu de ombros mais uma vez e Mariah virou os olhos com irritação. Por que não podia simplesmente dar uma resposta clara? Talvez não houvessem respostas claras.

Mariah abriu a porta. E mais uma vez a criança sumiu de vista.

O quarto não é um quarto e Mariah logo se vê diante de um palco. À sua frente uma audiência aguarda com expectativa, olhando-a de cima a baixo sob o refletor. Um homem branco, baixo e gordo de cabelos grisalhos entra no palco com um microfone e um sorriso aberto demais para ser verdadeiro.

"Vamos começar o jogo!" O homem diz animadamente no microfone e a plateia se agita.

Mariah segue confusa, mas não o contraria. Todos estão olhando para ela.

"Qual a diferença entre um corvo e uma escrivaninha?" O apresentador pergunta e a plateia imediatamente fez silencio, encarando a jovem com expectativa.

Ela olha perdida para os rostos em meio à multidão, todos muito genéricos. Sua mente está totalmente em branco. Não pode responder, simplesmente não é capaz. Olha para o apresentador, que estende o microfone em sua direção.

"Eu... Eu não sei."

Um som alto de reprovação soa fazendo o palco estremecer. A campainha parece despertar os espectadores de seu transe e eles agora se rebelam. Mariah se encolhe sob a luz forte enquanto observa, tensa, aquela massa de gente vaiá-la. A plateia se deleita em seu sofrimento, gritam, gargalham, sussurram e apontam. Acham-na ridícula, incompetente.

O demônio da meia-noite não tem forma, mas ao mesmo tempo tem muitas caras. As pessoas do demônio da meia-noite são cruéis, muito mais do que as pessoas reais. Encaram, julgam e condenam, sem qualquer defesa possível. Mariah fecha os olhos para não vê-los, para não sentir sua reprovação. Tem vontade de chorar, mas não consegue. Seu peito dói, suas mãos tremem, seu coração acelera mais do que deveria ser possível. Queria não precisar mais abrir os olhos. Queria nunca mais ver ou ouvir ou sentir.

O ar começa a encher seus pulmões devagar e com muito esforço, mas aos poucos se recupera. Ela abre os olhos hesitante e se depara novamente com o corredor e a criança. Mais uma vez ambas caminham escuro, na única rota possível. E caminham. E caminham. A criança continua com suas balas, mas não oferece mais. Mariah desiste de questioná-la sobre qualquer coisa.

A criança então para de repente.

"Chegamos."

Mariah a olha sem entender. Não há nada à frente, nenhum destino a se alcançar. Mas então se vira novamente e percebe que há de fato uma porta. O fim do corredor finalmente chegou. Não há mais possibilidade de perambulação. Atrás daquela porta está sua última chance. A criança leva mais uma bala até a boca e se encosta na parede. Ela pensa em se despedir, mas não sabe muito bem como. Tenta oferecer um sorriso que pretende desejar boa sorte, mas não há resposta. A criança parece não sentir nada.

Mariah então abre sua última porta.

O quarto está repleto de espelhos espalhados pelas paredes. Os espelhos a refletem de forma diversa, cada um a sua maneira. Mariah observa sua própria imagem em cada um deles, de diferentes ângulos, em diferentes posições. No mais, o cômodo está completamente vazio.

O demônio da meia-noite não tem aparência, mas ao mesmo tempo aparece de várias formas. Os espelhos do demônio da meia noite só mostram imagens feias, distorcidas, dignas de pena. Mariah olha para todos os cantos e não há que goste naquilo que vê. As imagens perseguem-na para onde quer que ela se volte.

A tensão aumenta. Ela sente as pernas bambas e as lágrimas na garganta. Tenta fechar os olhos, mas não consegue. Tenta gritar, mas nada sai de seus lábios entreabertos. Tenta correr, mas está presa. Repentinamente se dá conta de que o chão é feito de uma areia movediça que lhe arrasta e afunda sem pressa. Sua visão se confunde e as paredes do quarto, ainda coberta de espelhos atrozes, se derretem flácidas como a cera das velas que queimam sem parar. Enquanto Mariah se vê afundar em desespero, sente tamanho comichão que parece haver uma colônia de pequenos insetos vagando sem destino por todo o seu corpo.

É o fim, ela pensa. É o fim, o fim, o fim. O horror dentro de si cresce e se espalha a cada segundo. O demônio da meia-noite está ali, à sua volta, em todos os lugares físicos e imaginários. Ele rouba sua força e confunde seus pensamentos. Ronda-a, como uma neblina escura que nunca se dissipa. Mariah o sente, estão frente à frente.

A esta altura, a jovem já se encontra submersa até a cintura. O que pode ela contra o demônio da meia-noite? O melhor seria aceitar sua derrota, entregar-se de vez à areia, aos insetos, à Ele.

É então que algo brilha em seu peito. O pequeno recipiente de vidro na ponta da corrente se envolve em luminosidade e chamando sua atenção. Em meio ao caos de sua morte eminente, Mariah faz um último apelo e abre

a rolha do vidro. Ela vira o recipiente e seu conteúdo é finalmente revelado, caindo sobre a palma de sua mão. Uma bala, a mesma que enchia os bolsos da criança. Sem saber como, Mariah compreende. Leva a bala até a boca e fechou os olhos.

Abre os olhos.

Mariah não se lembra de como chegou, só de já estar lá. A sala, as paredes brancas, a criança, o amuleto. Quando olha e vê as escadas, não espera. Não sabe muito bem o porquê, mas antes mesmo de a criança se mover, ela já está subindo.

BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE

Não há mais ninguém.

O céu é breu numa noite sem fim. A luz solitária da lanterna, a última sobrevivente, não tem mais nada a iluminar a não ser as manchas de sangue que ficaram. As manchas dos perdedores, as manchas dos vitoriosos. As manchas que ninguém vê.

A cidade está longe, sem saber de tudo o que houve.

Mas não há mais.

Ninguém.